

MIRAR O PRESENTE OLHANDO O PASSADO: O RISCO DO FOCO PRESENTISTA NOS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO PERMEADOS PELA MÍDIA

Entrevista com Marialva Carlos Barbosa

Debruçada sobre os estudos da relação entre História e Comunicação, a professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Marialva Carlos Barbosa é referência para quem busca compreender a relevância das processualidades históricas nos estudos de Comunicação. A pesquisadora traçou carreira da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde obteve sua graduação em Jornalismo, fez mestrado e doutorado em História, e se aposentou como professora titular. Autora de grandes obras como “História da Comunicação no Brasil” (Vozes, 2013) e “Tempo, tempo histórico e tempo midiático” (Edufab, 2017), a professora concedeu uma entrevista que versa sobre a relevância da adoção de uma perspectiva histórica sobre os estudos de Comunicação. Fala sobre o aprofundamento histórico das pesquisas para combater o risco de estabelecer um foco presentista sob práticas, processos e conversações contemporâneas permeadas pela mídia.

Ana Paula Heck

ana.h@uninter.com

Doutoranda em Comunicação e Linguagens pela UTP e professora do Uninter

Márcio Morrison K. Marcellino

marciomorrison@hotmail.com

Mestre em Comunicação e Linguagens pela UTP

Lidia Paula Trentin

lidiapaulatrentin@gmail.com

Doutoranda em Comunicação e Linguagens pela UTP

Mônica Cristine Fort

monicafort@gmail.com

Pós-doutora em Comunicação pela UERJ, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da UTP e do Uninter

DOI: 10.21882/ruc.v7i12.789

Recebido em: 20/05/2019

Aceito em: 23/05/2019

Professora, a senhora já comentou em outras ocasiões que o desafio das pesquisas em comunicação é passar dos “particularismos para as generalizações” (“O presente e o passado como processo comunicacional” - Revista Matrizes, Ano 5 – nº 2 jan./jun. 2012 - São Paulo). Como fazer isso sem deixar as pesquisas superficiais?

Primeiro é preciso ver o que já foi pesquisado na área ou em relação àquela temática específica que você trabalha. Porque, muitas vezes, o problema dos trabalhos é que eles querem partir do zero, como se não tivesse sido produzido nenhum conhecimento anterior àquilo. Muitas vezes, já tem muitas pesquisas sobre aquela temática e você pode fazer uma

reflexão mais conclusiva, mais genérica, utilizando essa bagagem de pesquisa anterior, esse é o caminho.

Nesse mesmo texto, a senhora defende em um dos seus textos os séculos anteriores como os “séculos da história”. Por que você aborda o século XXI como “o século da comunicação”? E como não deixar essa ideia da comunicação como o centro de século se perder no que tange ao determinismo tecnológico?

Enquanto nos séculos XVII, XVIII e XIX se valorizavam as grandes narrativas do ponto de vista de um passado mais imediato, o século XXI procura refletir filosoficamente sobre os processos que estão em curso, e estes são de natureza midiática. A área que se debruça sobre isso é a comunicação, por isso que é a ciência do século XXI. Porque, a rigor, o que faz é uma filosofia do século XXI quando estuda os fenômenos contemporâneos que são todos atravessados pelas mídias.

Normalmente, nos estudos da comunicação, as práticas vêm antes dos processos, das próprias teorias. Como podemos conciliar um estudo que não aborde somente uma perspectiva presentista dentro dos estudos da comunicação?

Esse é um problema. A temática da comunicação são fenômenos mais contemporâneos, mas não podemos esquecer nunca que esses são processuais, ou seja, se desenrolam no tempo. Então tem um passado que deve ser compreendido para que você entenda tais fenômenos na sua total complexidade, sem essa lógica processual, você não consegue refletir com clareza. Não há presente absoluto, esse está inserido em uma linha temporal que vem

do passado até agora, e esses processos se complexificam ao longo desse tempo. Eu diria que é um equívoco os estudos de comunicação não considerarem esses processos e serem extremamente focalizados no presente.

Por qual motivo a senhora propõe pensar a comunicação como conversação?

Porque a comunicação não é apenas o estudo dos meios e das mediações, mas das ações humanas no contemporâneo. E essas são as conversações, ou seja, esses múltiplos diálogos do eu com o outro, isso é o ato comunicacional, o objeto que estudamos na comunicação. Não tratamos basicamente dos processos e das práticas, mas das ações humanas no contemporâneo que são perpassadas por ações de natureza midiática. Portanto é o estudo das conversações contemporâneas.

Falando um pouco mais sobre essa relação entre história e comunicação, qual a importância de inserir e contextualizar o passado nas reflexões da comunicação?

É muito importante porque se você não tem o conhecimento do passado, ignora o que denominamos enquanto “processualidades históricas”, ou seja, aquilo que vem do passado até o presente. Muitas vezes, esses processos não são tão novos, já existiram em outros tempos, e se você faz um corte temporal abrupto e só analisa o que acontece hoje, desconsidera essas transformações, mudanças, nuances que existiram no passado e permanecem no presente. Desconsiderar o passado é desconsiderar uma visão processual dos estudos, e isso é tuim do ponto de vista da produção do conhecimento científico.

Na palestra intitulada “Comunicação e História: confluências” realizada em março

de 2019, a senhora afirmou que vivemos uma crise no ou do tempo. Como isso afeta os estudos de comunicação e, mais especificamente, nossos objetos empíricos?

A própria configuração do que se estuda na área é um exemplo de que vivemos essa crise do tempo, em que não relacionamos passado, presente e futuro. Consideramos apenas os objetos imersos nesse presente absoluto. A maneira como os estudos de comunicação se desenvolvem é uma decorrência dessa crise do tempo. Tais investigações materializam na área científica isso que estamos chamando de “a crise do tempo”.

Nesse mesmo evento, a senhora afirma que “viver é viver da história”. O pesquisador Mark Deuze diz que hoje vivemos na mídia (Media Life, Polity Press, 2012). Até que ponto podemos traçar um ponto de relação em que a mídia é história ou a história é mídia?

Uma das características do contemporâneo é que a mídia perpassa todas as nossas relações. Nesse sentido, a mídia é a nossa própria vida, Deuze diz que vivemos na mídia. Viver na história no século XXI é viver na mídia, é viver os processos midiáticos, é viver atravessados por essa mídia. Ou seja, o nosso viver da história no século XXI é a vida na mídia, isso não invalida que a gente viva na história.